



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Disciplina Positiva em sala de aula: aplicação e benefícios

Gabriela Suhet Pereira

Carolina Fuzaro Bercho (Orientadora)

RESUMO

A presente pesquisa busca explorar a relevância da aplicação de ferramentas da Disciplina Positiva, filosofia organizada por Jane Nelsen que foca no entendimento dos motivos por trás do comportamento das crianças, dentro do ambiente escolar. Perpassando o viés de Montessori e Foucault sobre o conceito “disciplina”, aborda-se a perspectiva da Disciplina Positiva e são apresentadas algumas de suas ferramentas. Por meio de uma breve orientação aos professores sobre o que se trata essa filosofia e essas ferramentas específicas, os docentes buscaram aplicar esse conhecimento em sala de aula. Após, por meio de formulário elaborado na plataforma Google Forms, buscou-se entender quais foram os benefícios e obstáculos vivenciados durante o período. Foi possível notar que a Disciplina Positiva pode, de fato, fornecer respaldo e segurança ao professor frente às situações conflitantes em sala de aula. Apesar dos obstáculos que foram apontados pelas professoras, os benefícios os superam, apontando que a instrução dos professores para a aplicação da Disciplina Positiva na sala de aula tem o potencial de trazer grande suporte para os docentes e para as crianças. Percebeu-se que essa filosofia possibilita uma base para que os adultos compreendam as ações da criança, agindo nelas, ao invés de reagir ou apenas aplicar regras e métodos que têm se mostrado ineficazes ao longo dos anos.

Palavras-chave: Educação; Disciplina Positiva; castigos; punição; paradigma.

ABSTRACT

The present research seeks to explore the relevance of applying Positive Discipline tools within the school environment, which is a philosophy organized by Jane Nelsen that focuses on understanding the reasons behind children's behavior. Going through the bias of Montessori and Foucault on the concept of “discipline”, the perspective of Positive Discipline is approached and some of its tools are presented. Through a brief guidance to teachers about what this philosophy and these specific tools are about, teachers sought to apply this knowledge in the classroom. Afterwards, through a form created on the Google Forms platform, we sought to understand the benefits and obstacles experienced during the period. It was possible to note that Positive Discipline can, in fact, provide support and security to the teacher in the face of conflicting situations in the classroom. Despite the obstacles that were pointed out by the teachers, the benefits outweigh them, pointing out that the instruction of teachers to apply Positive Discipline in the classroom has the potential to bring great support to teachers and children. It was noticed that this philosophy provides a basis for adults to understand the child's actions, acting on them, instead of reacting or just applying rules and methods that have been shown to be ineffective over the years.

Keywords: Education; Positive Discipline; punishments; paradigm.

1. Introdução

1.1 Disciplina para Foucault e Montessori

Inicialmente, Foucault trouxe a reflexão sobre a disciplina em sua célebre obra “Vigiar e Punir”, de 1975, observando como se davam as relações de ordem e disciplina no ambiente carcerário. Em suas reflexões, ele encontra um mecanismo - a que se refere como “anatomia política” ou “mecânica do poder” - que utiliza a disciplina para a fabricação de “corpos dóceis”, isto é, corpos “que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados (...)” (FOUCAULT; 1987, p. 164). Para a implementação disso, Foucault afirma que

A “invenção” dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturam a organização militar. (FOUCAULT, 1987, p. 165)

Foucault (1987) cita elementos que foram inseridos nas salas de aula para fortalecer o domínio sobre os indivíduos, como a formação das fileiras e a movimentação dos alunos entre os lugares, de acordo com sua classificação em tarefas e provas, pois “determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos”. Assim, com a utilização desses mecanismos, transformou-se a escola em “uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”, sendo o professor responsável por manter um “olhar ‘classificador’” (FOUCAULT, 1987, p. 173-174). Além disso, a divisão rígida de horários, a postura correta, dentre vários outros pontos, são vistos como esse anseio de domar o corpo das crianças.

Há, também, diversos mecanismos sutis de punição

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1987, p. 203).

Explicita, ainda, a que se refere a palavra punição, neste aspecto, como sendo “tudo o que é capaz de fazer as crianças sentir a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las: ...uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto” (FOUCAULT, 1987, p. 203).

Através do trabalho de Figueiredo (2020), numa análise sobre a disciplina educacional, percebe-se a visão de Montessori sobre o tema. O conceito de disciplina é pensado do ponto de vista da autodisciplina, só podendo resultar da liberdade e da espontaneidade da própria criança para decidir por si mesma, e não por forças externas. Para ela, é necessário que os alunos escolham suas atividades, atendendo a sua natureza, o que constitui um dos pilares do seu método. Junto a isso, outro pilar de sua perspectiva diz respeito ao fato de se buscar que o ambiente seja adaptado às necessidades das crianças, de forma contínua e a partir da observação das atividades das crianças (FIGUEIREDO, 2020, p. 27-33). Assim,

todas as atividades, exceto aquelas que, como mencionamos, prejudicam a criança, seus companheiros ou o ambiente em que se encontram, devem ser permitidas de serem realizadas pelos alunos, pois eles estarão realizando sua natureza ao praticá-las. (FIGUEIREDO, 2020, p. 34)

Sobre a obediência, Montessori não deixa de destacar que ela é necessária à vida em sociedade, porém, seu desenvolvimento é um processo, não se podendo exigí-la de forma imediatista. Dentro deste processo estão questões como a maturação psíquica e o conhecimento de como obedecer, que vão aprimorando-se de acordo com estágios. No último nível, a criança obedece porque

deseja aprender e vê a obediência como oportunidade de crescimento. Entretanto, chegar nesse nível requer que a criança seja instruída por um adulto que ela admire, o que significa que jamais ela resultará de medo, opressão, punições ou gratificações. (FIGUEIREDO, 2020, p. 37)

Seguir as regras e obedecer aos adultos por mero medo ou por sensação de inferioridade resulta numa “obediência irreflexiva e resultante de opressão” (FIGUEIREDO, 2020; p. 37). A probabilidade é grande de que essas crianças, futuramente, ajam como adultos sem criticidade, além de reproduzir estas atitudes cerceadoras frente a outros indivíduos.

1.2 A Disciplina Positiva (DP)

1.2.1 Os estudos de Alfred Adler

Alfred Adler foi um psiquiatra austríaco, contemporâneo de Freud, e que desenvolveu uma corrente que denominou “Psicologia Individual”, a qual

se dedicava ao estudo da unidade do indivíduo para compreensão de sua totalidade. Ou, como descrito por Stein e Edwards (1998), uma Psicologia que orientava os seres humanos a serem capazes de cooperar pela convivência com os demais, esforçando-se para o auto-aperfeiçoamento, a auto-realização e a contribuição para o bem-estar comum. (LEAL, MASSIMI; 2017, p. 797)

Adler acreditava que o ser humano é um ser social, que busca aceitação no seu meio, ambiente o qual é interpretado de acordo com sua própria subjetividade. As ações sempre possuem motivações por trás, que precisam ser entendidas para poderem ser interpretadas e discutidas. Ainda, o psiquiatra não concordava com a ideia de que o sujeito estava predeterminado por sua hereditariedade e pelo meio externo que o cercava, mas que existia um ponto determinante na experiência de cada um e que poderia alterar suas ações e vivências: a atitude frente à vida. Dessa forma, cada indivíduo possui um complexo e único modo de ser, por isso o nome “Psicologia Individual”, inicialmente criticado e mal compreendido, pois passava a ideia de ser um viés demasiadamente individualista. (FERNANDES; 2018, p. 26-27; LEAL, MASSIMI; 2017, p. 806)

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, Adler foi convocado para atuar como médico, experiência que ocasionou seu interesse por assuntos ligados ao sentimento de comunidade. Após a guerra, focou suas pesquisas em atividades educacionais. Por conta disso, o psiquiatra passou a palestrar para grupos de professores e a se fazer presente na comunidade educacional, influenciando os métodos pedagógicos em Viena. Ele trazia novas ideias e estimulava a reflexão sobre o que ocorria na mente das crianças e como elas poderiam reagir frente às ações do educador. Em suas palestras, orientava sobre a necessidade de integrar o que era observado em sala de aula às informações fornecidas pelos pais das crianças. (LEAL, MASSIMI; 2017, p. 807-808)

Adler desenvolveu um projeto com clínicas para abordar problemas educacionais, que eram trazidos pelo professor e analisados em consultas, nas quais ocorriam entrevistas com os pais e com as crianças. Cada caso era tratado como único, sem aplicação de ideias preestabelecidas, resultando em conselhos não autoritários, que deveriam ser testados e observados. O psiquiatra procurava fazer a criança se sentir à vontade, resultando num envolvimento na conversa, o que levava a atingir um dos objetivos: que a própria criança auxiliasse na descoberta de uma possível solução. (LEAL, MASSIMI, 2017; p. 808)

Dois conceitos bastante presentes em suas pesquisas e teorias são importantes para entender a filosofia que derivará de Adler, a Disciplina Positiva. O primeiro refere-se à busca, e à necessidade, que a criança possui de sentir-se em

segurança. Adler entende que o indivíduo nasce com um sentimento de inferioridade, o que o leva à busca de aprovação dos adultos com quem tem contato, para que haja a “compensação” dessa posição desvantajosa. O outro conceito aborda o sentimento de comunidade, o qual aborda a importância da manutenção dos laços afetivos e do entendimento da necessidade de cooperação, função que cabe aos adultos ensinar. (LEAL, MASSIMI; 2017, p. 811-812; FERNANDES; 2018, p. 26-27)

1.2.2 A contribuição de Rudolf Dreikurs

O psiquiatra austríaco Dreikurs foi amigo e colega de Adler. Ele compartilhou das ideias sobre psicologia e educação de Adler, acrescentando a importância de não cair em extremos, nem castigos e punição, nem permissividade.

Sua contribuição foi em oferecer uma estrutura mais acessível das ideias de Adler, possibilitando, assim, que aqueles que se interessavam pelo tema, pudessem aprender e aplicar a teoria adleriana em suas vivências.

Dreikurs fundou, juntamente com outros colegas, o Institute of Adlerian Psychology, em 1952 - que teve seu nome mudado, posteriormente, para Alfred Adler Institute. A partir de 1991, a instituição passou a ser conhecida como Adler University, que oferece cursos de pós-graduação sobre Disciplina Positiva.

1.2.3 Jane Nelsen e a Disciplina Positiva

A fonte primeira sobre a Disciplina Positiva, como é divulgada hoje, é fruto das pesquisas da psicóloga Jane Nelsen (2016), que define os conceitos, ferramentas e a perspectiva desse método. Olhando para o comportamento da criança e suas motivações é possível enxergar o todo, o contexto geral que a envolve. Nelsen (2016) pesquisa sobre a abordagem do desenvolvimento da criança a partir de uma prática mais amorosa e humanizada. Em sua obra “Disciplina Positiva: o guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas”, apresenta a Disciplina Positiva e pensa em métodos para aplicá-la no cotidiano. Através de revisão bibliográfica, baseando-se nas teorias do psicólogo Alfred Adler e do psiquiatra Rudolf Dreikurs, Nelsen (2016) chega à conclusão de que a Disciplina Positiva é uma ferramenta essencial na

transformação da visão e ação dos adultos em relação às necessidades e comportamentos da criança.

A abordagem da Disciplina Positiva (DP) vai no sentido completamente contrário à repressão do indivíduo que objetiva a padronização de comportamentos analisada por Foucault e, também, transcende as reflexões de criticidade e autonomia de Montessori. Refletindo sobre a infância e as situações vivenciadas nesta fase, almeja gerar um novo movimento por parte dos adultos, visando o cuidado e a compreensão de suas necessidades. Esses adultos que precisam lidar com crianças, desde pais até professores, muitas vezes percebem-se sem fundamento para suas ações, perpetuando o que vem do passado. A Disciplina Positiva permite entender as motivações por trás das ações das crianças e, a partir desta compreensão, atuar com precisão no desenvolvimento destas.

No panorama de pesquisas sobre a DP no Brasil, com a pesquisa intitulada “Disciplina Positiva: Uma mudança de paradigma”, Fernandes (2018) aborda a mudança de paradigma que a disciplina positiva trouxe ao olhar para a criança, focando nesta corrente como meio para observá-la e orientá-la. Através de revisão bibliográfica das pesquisas de Jean Piaget, Jane Nelsen, Ariès, Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, busca entender a disciplina positiva como mudança de paradigma no contexto educacional. Seus resultados apontam no sentido de que a DP foge dos extremismos de autoridade/missividade, focando no desenvolvimento de habilidades a longo prazo e fornecendo novos olhares para a criança e a disciplina da criança.

Baluta (2019) complementa a questão em seu trabalho sobre “O habitus dos castigos físicos e a disciplina positiva na perspectiva de capacitadores nível-educador: construção social do direito da criança a uma educação não punitiva”, tratando da questão do hábito de castigos físicos no mundo infantil e a visão da DP no âmbito do direito da criança a uma educação sem punições. Pensando sobre essas atitudes - dos adultos em relação ao desenvolvimento da criança e os reflexos da disciplina positiva neste hábito -, Baluta (2019) explora como este método tem alterado as ações e a perspectiva de educação punitiva às crianças. Por meio de pesquisa qualitativa, com método hipotético dedutivo, pesquisa bibliográfica, documental, observação simples, questionário e entrevista semiestruturada, tendo como base os estudos de Jane Nelsen e Pierre Bourdieu, ela

tem como conclusão que a DP é, de fato, um instrumento importante para modificar o modo como é construída a educação das crianças, assim como a existência dos castigos punitivos no ambiente familiar. No entanto, a procura por esses conhecimentos, por parte dos pais, continua a focar neles mesmos como centro, procurando manter sua autoridade ao invés de pensar no direito da criança a uma educação mais humanizada.

É importante destacar que a DP, que tem sua origem nos Estados Unidos, é uma filosofia nova e que ainda luta por ser colocada em prática, pois ainda “estamos imersos em métodos sobre a disciplina que vem sendo uma herança dos séculos passados” (Fernandes; 2018, p. 30). Afirma, ainda, que a Disciplina Positiva é “pouco comentada e conhecida no Brasil” e, ao buscar material para sua pesquisa, deparou-se com poucos artigos acadêmicos e “em sua grande maioria na área da saúde e do direito” (Fernandes; 2018, p.31).

Dentro de sua pesquisa, encontra-se a informação de que o impacto é real e positivo quando ocorre a aplicação da Disciplina Positiva:

Na Califórnia, onde é considerado o berço da DP, as escolas que adotaram a filosofia, têm a criminalidade reduzida e são feitas doações para que continuem aplicando nas escolas e que seja compartilhada, para que mais pessoas possam conhecer a DP. (FERNANDES; 2018, p. 30)

Portanto, a relevância desta pesquisa está no fato de trazer mais conhecimento e impulso para essa metodologia no Brasil, especificamente na área da Educação, pois ela diminui a violência e aumenta a chance de um desenvolvimento saudável da criança, objetivo da Pedagogia e da Educação como um todo. Dessa forma, o propósito desta pesquisa está em compreender a aplicabilidade real da DP e suas ferramentas na sala de aula, de forma a auxiliar o professor em suas atitudes diante da ação das crianças.

Além de retomar a teoria sobre a Disciplina Positiva, com a observação da aplicação de suas ferramentas em salas de aula de uma escola da cidade de Pirassununga-SP, é possível ter maior entendimento de seus reflexos num contexto mais próximo da realidade brasileira. Assim, percebe-se como essa ferramenta é recebida por um profissional da área da educação e, também, pelos alunos.

1.3 Ferramentas da Disciplina Positiva

Nelsen (p. 37) frequentemente cita que a DP trata de falar de maneira firme e gentil com a criança. Quando se pensa na punição, é importante notar que este artifício consegue cessar o comportamento no instante em que é aplicado, porém logo perde seu efeito e as ações da criança começam a se desenhar com base nas decisões subconscientes que a levaram a obedecer. Nelsen (2016, p. 40) cita que a criança pode internalizar ideias como as de que os adultos não são confiáveis, que ela é uma pessoa má, ou mesmo de vingança.

A partir da reflexão sobre como conseguir que as crianças obedeçam a comandos necessários, surge a pergunta “de onde nós tiramos a ideia absurda de que, para levar uma criança a agir melhor, antes precisamos fazê-la se sentir pior?” (Nelsen, 2016, p.40). Na tentativa de conseguir o que se quer desses indivíduos, os adultos, que não tem embasamento para suas atitudes, vão de um extremo (controle extremamente rígido) a outro (a permissividade). Naturalmente, a longo prazo, os resultados não são os esperados.

Nas palavras de Nelsen (2016, p. 42), a DP tem como base “respeito mútuo e cooperação. Incorpora gentileza e firmeza ao mesmo tempo como fundamentos para ensinar competências de vida com base em um lócus de controle interno.” As ferramentas da DP não são comandos objetivos, mas sim uma rede de ações e mudança no sentimento por trás dessas ações ao relacionar-se com a criança. Na presente pesquisa, será dado destaque para algumas ferramentas que podem ser incorporadas na rotina de uma sala de aula.

1.3.1. Consequências lógicas e consequências naturais

Estas ferramentas são discutidas no capítulo 5 da obra de Nelsen (2016, p. 128-151) e, inicialmente, ela aponta que a falta de critério para a utilização de consequências lógicas leva, quase sempre, a uma forma disfarçada de punição. Por conta disso, Nelsen preferiu deixá-las como último recurso, dando certa preferência para as consequências naturais.

Enquanto as consequências lógicas são formuladas por adultos, as naturais são eventos que acontecem sem a interferência dos adultos, ou seja, trata-se de deixar que a criança teste as experiências e perceba por si mesma o porquê das recomendações dos adultos, podendo escolher qual será sua ação numa próxima

situação, de acordo com o resultado vivenciado. Evidentemente que, em algumas situações, o adulto precisa interferir para evitar que haja algum acidente, invasão do direito de outras pessoas, ou mesmo quando a criança demonstra não estar aprendendo com a consequência natural que sucedeu da ação inicial (NELSEN, 2016, p. 135).

Já a respeito das consequências lógicas, Nelsen (2016, p. 137) determina características para que elas tenham efeito e alinhem-se ao pensamento da DP, sendo elas: relacionada, respeitosa, razoável e revelada com antecedência. Ou seja, é preciso que a consequência esteja ligada ao comportamento da criança, sem trazer culpa, vergonha ou dor, sendo razoável tanto para o adulto como para a criança. Além disso, é necessário que a criança saiba com antecedência qual será a atitude do adulto ou o que vai acontecer, para que tenha a autonomia de escolha com conhecimento das circunstâncias (NELSEN, 2016, p. 137).

Como já dito, as consequências lógicas são vistas por Nelsen como mais propensas a mascarar um objetivo de punição por parte do adulto, sendo necessária total atenção ao utilizá-las. Surge, então, um espaço para que o professor tente entender como ele pode buscar ocultar um castigo numa atitude aparentemente racional. O objetivo dessas ferramentas é que os alunos tenham maior autocontrole e, para isso, é importante que o professor também exerça seu autocontrole, dominando-se e agindo de forma pensada e apontada para o real alvo, construir uma relação saudável com o aluno.

Uma outra razão pela qual as consequências lógicas podem ser difíceis de usar é que elas exigem raciocínio, paciência e autocontrole. Significa agir em vez de reagir. Muitos adultos acham mais fácil pedir autocontrole das crianças do que de si mesmos. (NELSEN, 2016, p. 141)

1.3.2. Focando em soluções

Esta ferramenta traz a criança para participar das situações, tirando-as do papel passivo de escutar de um adulto o que deve ou não ser feito. Nelsen (2016, p. 152-153) destaca que as crianças, em geral, são muito criativas e possuem ótimas ideias para solucionar problemas. Além disso, elas se sentem mais respeitadas e pertencentes ao contexto, uma vez que estão envolvidas no processo de tomada de decisão.

Dentro dessa ferramenta, é muito importante a utilização do “tempo positivo”, que é explicado por Nelsen (2016, p. 159-163) como sendo um momento para que todos se acalmem, antes de tomar decisões. É muito difícil que a criança consiga refletir sobre uma situação se estiver irritada, chateada ou agitada, assim como acontece com os adultos. Por conta disso, a recomendação é que ambos os integrantes dessa relação tomem esse tempo antes de uma tomada de decisão.

É necessário que o professor explique aos seus alunos sobre como se dará essa aplicação do tempo positivo com algum combinado anterior, informando sobre o valor dessa pausa, e construindo um espaço para esse momento, um cantinho onde o aluno se sinta bem. A premissa básica é sempre de que a criança se sinta bem para refletir melhor e conseguir acessar a racionalidade, ao contrário dos castigos e da punição, que objetivam sensações ruins.

1.3.3. Reuniões de classe

No capítulo oito, Nelsen (2016, p. 203-237) pontua o valor das reuniões de classe e como elas constroem habilidades fundamentais para a vida, que devem receber atenção assim como as disciplinas curriculares. É importante que os professores trabalhem neste campo com a mesma assiduidade a que se dedicam nos conteúdos acadêmicos:

pergunto se eles acham que os alunos podem aprender e reter as habilidades sociais e de vida que precisam para o desenvolvimento de um bom caráter se as praticarem apenas uma vez por semana (e depois ouvirem sermões sobre elas o resto do tempo). É claro que eles compreendem então o ponto crucial. (NELSEN, 2016, p. 204)

No dia a dia, quando forem notadas insatisfações por parte dos alunos, o professor pode questioná-los se eles gostariam de colocar o assunto em pauta para a próxima reunião de classe, recomendando-se que se aguarde um dia antes da conversa -uma aplicação do tempo positivo. Nas reuniões, todos os alunos discutem e buscam soluções, sentindo-se respeitadas por serem incluídas no processo de decisão. Sua frequência, no Ensino Fundamental (anos iniciais), deve ser diariamente ou, no mínimo, três vezes por semana. Nelas, pode buscar-se um consenso integral ou soluções por votos da maioria (Nelsen, 2016, p. 2017).

Durante as reuniões, especialmente as quatro primeiras, o professor deve estar muito atento a intervenções que auxiliem os alunos a entenderem como se

comunicar de modo respeitoso, focando em soluções não punitivas. Também deve ser trabalhado o conceito de “reconhecimento”, trazendo o aspecto da compreensão e valorização das atitudes dos colegas de sala, o que auxilia no convívio respeitoso e colaborativo dos alunos.

O método das reuniões de classe consiste em anotar as pautas trazidas pelos alunos (num quadro, num caderno, etc.), permitir um tempo para que eles se acalmem antes de solucionar os problemas e sentar-se em roda. Inicialmente são tratados os reconhecimentos, onde um objeto que simule um microfone possa circular e passar a vez para cada aluno. Após, a primeira pauta deve ser lida e sugestões de resolução devem ser indicadas por cada um dos integrantes da roda - a exemplo de como aconteceram os reconhecimentos, faz-se uso de um objeto. As sugestões, então, devem ser anotadas e os alunos envolvidos na questão devem conversar sobre quais delas parecem ser mais úteis, optando por uma que os satisfaça mutuamente. Por fim, deve-se permitir que eles determinem um período para a colocar em prática.

É fundamental que o professor mantenha-se o mais neutro possível, sem impor seus julgamentos e soluções para as crianças, possibilitando, assim, que elas possam pensar por si mesmas. Não há um modelo rígido, o adulto pode incrementar ou criar códigos entre os participantes, desde que combinados anteriormente. Além disso, outro ponto importante é que, em todas as ferramentas, é necessário paciência e insistência pois, geralmente, há uma piora antes da melhora:

Os alunos muitas vezes não acreditam que os adultos estão realmente dispostos a ouvi-los e levá-los a sério. Pode levar algum tempo para eles se acostumarem com isso. No início eles podem tentar usar esse novo poder para ofender e punir porque esse é o modelo a que estavam acostumados. [...] Muitos professores ficam tentados a desistir antes de passar pela parte mais difícil. Alguns desistem. Aqueles que “se mantêm firmes” contam o prazer que sentem em relação a todos os benefícios para si mesmos e seus alunos à medida que as coisas ficam mais calmas. (NELSEN, 2016, p. 235)

1.4 Metodologia

1.4.1 Participantes

Foram entrevistadas 3 professoras atuantes nos anos iniciais do Ensino

Fundamental de uma escola particular da cidade de Pirassununga, no estado de São Paulo. A professora 1 (33 anos), atua há 13 anos na Educação, leciona no 2º ano. A professora 2 (33 anos), atua no 4º e 5º anos, nas disciplinas de Matemática, Ciências, Projeto de Vida e Educação Financeira e Sustentabilidade (EFES). A professora 3 (34 anos), atua nas mesmas salas da professora 2, 4º e 5º anos, com as disciplinas de Português, Geografia e História.

1.4.2 Instrumentos

Para a coleta de dados foi utilizada a ferramenta Google Forms, onde foi construído um questionário com perguntas estruturadas e não estruturadas, prevalecendo as últimas, uma vez que estas foram entendidas como mais adequadas para abordar as informações procuradas.

Inicialmente, as perguntas direcionaram-se a entender um pouco sobre as professoras entrevistadas em relação à idade, tempo de atuação na educação e formação. Em seguida, as questões voltaram-se à experiência da aplicação da ferramenta da DP escolhida por cada uma: se perceberam benefícios e obstáculos, se já conheciam a filosofia antes deste contato, o que poderia ajudá-las numa melhor utilização do instrumento e se elas acreditam que a DP poderia auxiliar o professor nas situações vivenciadas em sala de aula. Por fim, a última questão permitiu que as professoras se expressassem sobre quaisquer outras coisas que não foram abordadas nas perguntas.

As perguntas utilizadas foram:

1. Qual a sua idade?
2. Há quanto tempo você atua na educação?
3. Você fez alguma graduação? Se sim, qual?
4. Você possui outros cursos, como pós-graduação, ou mesmo outra graduação? Se sim, qual(is)?
5. Você já conhecia a filosofia da Disciplina Positiva? Se sim, por qual meio teve contato?
6. Qual ferramenta você optou por utilizar?

7. Você percebeu benefício(s) da aplicação dessa ferramenta na sala de aula?
Se sim, qual(is)?
8. Você percebeu algum obstáculo para a utilização desta ferramenta? Se sim, qual(is)?
9. O que você acha que poderia te auxiliar para um melhor uso da Disciplina Positiva em sala de aula?
10. Você acha que um maior conhecimento sobre a Disciplina Positiva auxiliaria o professor frente às situações da sala?
11. Qual o principal motivo da resposta anterior?
12. Sinta-se à vontade, se quiser, para acrescentar quaisquer outros comentários que entender válidos sobre a sua experiência com a Disciplina Positiva.

1.4.3 Procedimentos Gerais

Num primeiro momento, para a instrução das professoras sobre o conteúdo da DP e suas ferramentas, foi utilizado o recurso Canva, com a elaboração de dois infográficos. O primeiro explica, de forma bastante resumida, do que se trata a DP e o segundo traz uma breve apresentação das ferramentas selecionadas - dentre as várias expostas na obra de Jane Nelsen - com tópicos bastante breves sobre pontos ou definições acerca das consequências lógicas, consequências naturais, focando em soluções e reunião de classes.

Estes informativos, junto de orientações para que cada uma escolhesse uma ferramenta e tentasse aplicá-la no seu cotidiano escolar por um período - após o qual receberiam um formulário para coletar as informações sobre a experiência -, foram compartilhados com as docentes por meio do WhatsApp.

4 ferramentas da Disciplina Positiva

Consequências lógicas

4 Rs:

- Relacionada
- Respeitosa
- Razoável
- Revelada com antecedência, se possível



Consequências naturais

- Sem interferência do adulto.
- Interferir apenas para ajudar, sem broncas ou "eu te avisei".
- Erros são oportunidades de aprender.
- Demonstrar empatia.
- Amparar sem fazer tudo.
- Validar os sentimentos.

Focando em soluções

- Identificar o problema.
- Sentar juntos e listar soluções.
- Escolher uma solução mútua.
- Testar a solução por uma semana.
- Reavaliar a eficiência da solução.
- Permitir uma pausa positiva antes de tentar solucionar o problema.



Reunião de classe

- Anotar as pautas para a reunião.
- Sentar-se em roda.
- Iniciar com reconhecimentos.
- Pedir soluções para cada problema.
- Permitir que os alunos encontrem a solução mais útil e satisfatória para todos.
- Deixar que a criança escolha o tempo necessário para colocar a solução em prática.

Importante!

Todas as ferramentas da Disciplina Positiva geralmente trazem resultados piores antes que a situação comece a melhorar, então é importante ter paciência, constância e resiliência para alcançar os objetivos almejados.

FONTE DAS INFORMAÇÕES
YOUTUBE: FERNANDA LEE – FILOSOFIA POSITIVA OFICIAL; DISCIPLINA POSITIVA – JANE NELSEN.

Disciplina Positiva

Baseada na teoria humanista do psiquiatra e filósofo Alfred Adler.
"O ser humano tem duas necessidades básicas: se sentir aceito e importante."



Estimula autonomia, responsabilidade, resolução de problemas e cooperação.



Nem autoritarismo, nem permissividade.

Gentileza e firmeza, ao mesmo tempo.

Sem punição ou recompensas: diálogos..

5 Princípios:

- Respeito pela criança;
- A criança se sente aceita e importante;
- É efetivo a longo prazo, ao contrário dos castigos;
- Ensina habilidades sociais e de vida para a formação de um bom caráter;
- Incentivo à criança;
- Permite que a criança descubra sua capacidade interna e seu poder pessoal.

"Criança que se sente bem se comporta bem." (Jane Nelsen)



Fonte: "O que é Disciplina Positiva - os 5 princípios da Disciplina Positiva", Fernanda Lee - Disciplina Positiva Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a5QzKAI0-M>. Acesso em 16 ago 2022.

A plataforma YouTube também foi necessária para a complementação do conhecimento das ferramentas pelas professoras, para fornecer maior domínio sobre a maneira mais adequada para a aplicação das ferramentas. Após a escolha da ferramenta, foi enviado um vídeo que explicitava de maneira mais didática a sua aplicação. O canal utilizado foi o intitulado “Fernanda Lee - Filosofia Positiva Oficial” (<https://www.youtube.com/c/FernandaLeeFilosofiaPositivaOficial>) e os vídeos compartilhados foram: “Foque em solução - Ferramenta #45 da Disciplina Positiva” e “Consequências Naturais - Ferramentas da Disciplina Positiva”, ambos acessados nos dias 18 de agosto e 16 de agosto de 2022, respectivamente. Fernanda Lee, “única lead trainer brasileira que ensina todas certificações reconhecidas pela Positive Discipline Association”, segundo informações do próprio canal na plataforma YouTube, e também uma das tradutoras de várias obras da autora Jane Nelsen.

Após o período de 30 dias, foi encaminhado para as professoras o formulário contendo as questões já comentadas no tópico anterior.

1.4.4 Procedimentos de Análise de Dados

Tendo em vista ser esta uma pesquisa majoritariamente qualitativa, por meio da análise das respostas obtidas com o questionário elaborado, foi possível entender como as professoras se sentiram em relação ao uso da ferramenta escolhida, dentre as apontadas. As perguntas foram elaboradas visando respostas que expressassem as dificuldades e as perspectivas de benefícios e do auxílio necessário para aprofundamento da abordagem da DP dentro da sala de aula.

Com a formatação das perguntas no modelo não estruturadas, procurou-se dar liberdade às impressões das docentes, possibilitando, assim, mais abertura para o desenvolvimento de uma análise coerente ao objetivo. Através da ferramenta, disponível no Google Forms, que organiza os dados em uma planilha, é possível fazer um comparativo entre as respostas e, assim, chegar ao entendimento da perspectiva das professoras.

Resultados e Discussões

Em um primeiro momento, as respostas foram analisadas individualmente. A partir da coleta dos dados, tem-se que a professora 1 (33 anos) afirmou atuar na Educação há 13 anos, possuindo formação, além da Pedagogia, em Administração e Psicologia em curso. Além disso, possui pós-graduação em Psicopedagogia e Educação com Ênfase em TEA. Esta educadora já tinha conhecimento sobre a DP, o que se deu através de cursos na área ministrados pelo Instituto Brasileiro de Formação de Educadores (IBFE).

A professora 2 (33 anos) afirmou atuar na profissão há 7 anos, possuindo, além do curso de Pedagogia, pós-graduação em Psicopedagogia clínica e EaD. Esta educadora informou não conhecer a DP anteriormente.

A professora 3 (34 anos) atua há 14 anos na educação, é formada em Pedagogia e está cursando História. Esta educadora também já havia tido algum tipo de contato com a Disciplina Positiva, por meio de uma amiga.

Quanto à escolha das ferramentas expostas às professoras, duas professoras (2 e 3) optaram por aplicar o instrumento de focar em soluções. Já a professora 1 preferiu utilizar a ferramenta de consequências naturais.

A docente (professora 1) - que aplicou o instrumento das consequências naturais - apontou que os benefícios foram percebidos, pois “os alunos começaram a desenvolver autonomia e responsabilidade com suas ações”. Isso pode ser explicado com o que apresenta Nelsen (2016, p. 157): “o sentimento de respeito e responsabilidade é ampliado em grande medida quando as pessoas podem escolher uma solução em vez de ter alguém dizendo a elas o que devem escolher”. Sobre a questão da autonomia e responsabilidade, Baluta (2017, p. 248) também justifica que, através da DP, abandonando-se a punição,

a criança passa a ser observada como um agente capaz de fazer escolhas racionais sem a imposição e obediência irrestrita aos desejos dos adultos. Reconhecida como um ser humano em desenvolvimento, lhe é permitido fazer escolhas, cujo leque de opções vai se expandindo em conformidade com a idade atingida.

Quanto às outras duas professoras, que escolheram “focando em soluções”, uma delas relatou ter tido uma experiência positiva com seu uso, percebendo que “o aluno consegue analisar e solucionar os problemas apenas com uma pequena mediação” (professora 2). A outra educadora também afirmou notar os benefícios, com principal destaque para um “aluno que apresenta dificuldades de disciplina, oscila no temperamento e comportamento” (professora 3).

Sobre o questionamento acerca dos obstáculos encontrados, uma das professoras (1) disse não os ter encontrado, em discrepância às vivências de suas duas colegas, que afirmaram que “os alunos buscam respostas prontas, não querem resolver sozinhos ou mesmo pensar em encontrar soluções sem que haja uma participação externa” (professora 2) e que “o desafio é, simplesmente, manter a calma e não desistir. Manter a postura de encontrar soluções positivas e inteligentes” (professora 3). É importante retomar o que Nelsen (2018, p. 28) destaca quanto ao começo da aplicação das ferramentas da DP, que se trata da importância de se ter paciência e constância para que os hábitos possam ser alterados.

Apesar de responder não ter encontrado obstáculos para a aplicação da ferramenta, a professora 1 ressaltou que o alinhamento entre escola e família é um

aspecto que pode auxiliar na melhor utilização da DP, indo de encontro à fala da professora 2, que relatou perceber que o empenho e alinhamento da família junto à ação da escola poderia fornecer resultados melhores. O observado pelas professoras também é abordado na perspectiva de Nelsen (2017, p. 27), que afirma, com base em suas pesquisas em escolas, que a “compreensão e cooperação entre famílias e escola têm aumentado quando pais e professores estão unidos em seus métodos para ajudar as crianças e uns aos outros de formas positivas”.

Perguntadas sobre se um maior conhecimento acerca da DP as ajudaria em na atuação dentro do ambiente escolar, todas responderam de forma afirmativa. Quanto ao porquê dessas respostas, a educadora 1 destacou o fato de que esta filosofia é acolhedora, não punitiva, o que dá espaço para os efeitos positivos. A professora 2 apontou que “muitos docentes necessitam de aperfeiçoamento e estímulos, como cursos de aperfeiçoamento para compreender, localizar e focar nas dificuldades de cada aluno, assim auxiliando de maneiras produtivas”. Por fim, a docente 3 expressou que “sem dúvida, a linguagem, me dedicar em conhecer ainda mais as estratégias da disciplina positiva”, complementando com a fala de que “o conhecimento do assunto é fundamental para o sucesso da aplicação em sala de aula”.

Importante ressaltar que a professora 1 era uma das que mais possuía familiaridade com a DP, uma vez que é discente do curso de Psicologia, o que esclarece, em partes, sua negativa quanto ao questionamento sobre ter encontrado obstáculos na aplicação da ferramenta escolhida, indo em sentido oposto às outras duas docentes, que afirmaram ter encontrado obstáculos. Esse fato fortalece a compreensão das professoras de que mais conhecimento e contato com a DP poderia auxiliá-las na melhor utilização de suas ferramentas.

Nelsen (2017, p. 27) percebe esse sentimento das educadoras, de que necessitam mais apoio e conhecimento para agir de forma mais confiante:

Em grupos de estudo, pais e professores aprendem que eles não estão sozinhos, que ninguém é perfeito e que todos temos preocupações semelhantes. A reação universal de pais e professores que participam dos grupos de estudo é “Que alívio saber que eu não sou o único a sentir frustração!” É reconfortante saber que outros estão no mesmo barco.

A partir da análise das respostas das 3 professoras, foi possível perceber que todas elas notaram diferenças positivas com a aplicação da DP em sala de aula. Nelsen (2017, p. 130) afirma que professores percebem muitos benefícios na sala de aula quando se permitem dar enfoque às soluções, e não às consequências.

Baluta, ao pesquisar sobre a disseminação de cursos e grupo para apoiar educadores e pais quanto ao conhecimento da DP, nota que

O feedback (retorno) das atividades da Disciplina Positiva se manifestam por meio de relatos de resultados exitosos na aplicação de alguma ferramenta. Assim, a partir do primeiro contato com a alternativa não punitiva se desperta uma reflexão sobre a possibilidade de uma educação estruturada no diálogo e na cooperação.(BALUTA, 201 , 260)

Obstáculos também foram encontrados, envolvendo tanto a necessidade de alinhamento entre família e escola, quanto a importância de se perseverar na nova postura diante do aluno. Em vários momentos, a DP considera as dificuldades iniciais na transição de comportamento dos adultos diante das crianças, explicando a importância de que o pai ou professor tenham autodisciplina e responsabilidade perante comportamentos e hábitos que levam tempo para se transformar, tanto do lado da criança, quanto do adulto, “ao decidir parar de punir, você terá que praticar novas habilidades. E precisará de um tempo de treino para ajudar as crianças a aprender respeito mútuo e habilidades de resolução de problemas” (NELSEN; 2015, p. 16 apud BALUTA, 201 ,p. 263). Fernandes (20 ,p. 65) reitera que “são quebras de paradigmas que devem ser feitas diariamente, mudando uma atitude rotineira e atribuindo novos ideais para dentro de sala”.

Sobre uma das ferramentas, as reuniões de classe, tem-se uma consideração sobre este assunto:

É importante notar que as reuniões de classe geralmente não são bem-sucedidas no início. Leva-se tempo até que os alunos (e os professores) aprendam as habilidades. Eu costumava falar para os professores se acostumarem com um mês infernal quando comessem as reuniões de classe, mas que valeriam a pena se eles compreendessem os benefícios em longo prazo. O motivo pelo mês infernal é que os alunos não estão acostumados a ajudar uns aos outros; eles estão mais acostumados com a punição. Eles não estão acostumados a ver erros como oportunidades para aprender e resolver problemas; estão acostumados a

evitar responsabilidade por causa do medo da culpa, da vergonha e da dor. (NELSEN, 2017, p. 207)

Todas as educadoras responderam que a DP pode auxiliar o pedagogo em sua prática, junto aos discentes, indicando que mais domínio e aprofundamento nessa filosofia as ajudaria a aplicá-la melhor. A resposta da professora 2 demonstra uma necessidade de aperfeiçoamento por parte do professor, pois existem situações bastante peculiares e únicas no convívio escolar, que pedem um preparo que dê apoio para o professor e para o aluno. Segundo Nelsen (2017, p. 97)

Muitos pais e professores não conhecem o suficiente sobre comportamento humano e desenvolvimento infantil e, por esse motivo, tratam comportamentos adequados à idade como mau comportamento. [...] Quanto mais entendermos de comportamento – o nosso e o das crianças –, mais eficazes seremos como pais e professores.

Baluta, ao tratar sobre a disseminação de cursos e grupo para apoiar educadores e pais quanto ao conhecimento da DP, nota que

O feedback (retorno) das atividades da Disciplina Positiva se manifestam por meio de relatos de resultados exitosos na aplicação de alguma ferramenta. Assim, a partir do primeiro contato com a alternativa não punitiva se desperta uma reflexão sobre a possibilidade de uma educação estruturada no diálogo e na cooperação. (BALUTA, 2011, 260)

Dessa maneira, é possível perceber que os aspectos verificados na prática do professor, aplicando a DP na sala de aula real, foram de encontro ao que é apontado pelos estudos e explicações apresentadas pelos pesquisadores abordados.

Ainda, a utilização de infográficos e vídeos para instrução das professoras acerca da DP, para a posterior coleta dos dados da experiência das professoras com o formulário, possibilitou que as participantes pudessem conhecer - como no caso da professora 2, que nunca havia tido contato com a DP - e aprofundar a prática - como a professora 1, especialmente, e a 3, que já conhecia, por intermédio da primeira. Percebeu-se ser possível, com o uso de ferramentas simples e acessíveis, apoiar o professor com orientações de métodos que ainda não são tão divulgados.

Com instrumentos como WhatsApp, a plataforma Canvas e YouTube, foi possível orientar e dialogar com as professoras, a fim de que elas soubessem o que e como fazer durante as aulas, o que acabou gerando resultados positivos para

ambos os agentes do processo ensino-aprendizagem. Desta maneira, fica evidente que o fortalecimento da prática de disponibilizar o conhecimento para o professor pode trazer enormes ganhos para a Educação. Algumas alternativas, por exemplo, seriam a elaboração e disponibilização de infográficos na sala dos professores, enviados pelos e-mails institucionais, a formação de grupos de diálogo, a inserção de orientações em reuniões pedagógicas, etc. A ideia de uma extensão dessas orientações iniciais, que se adeque ao formato da escola, é algo que pode ser explorado em futuras pesquisas. Nesse ponto, faz-se importante lembrar a fala de Freire (1979, p. 36 apud BALUTA, 2019, p. 272) de que

As soluções importadas devem ser reduzidas sociologicamente, isto é, estudadas e integradas num contexto nativo. Devem ser criticadas e adaptadas; neste caso, a importação reinventada ou recriada. Isto já é desalienação, o que não significa senão autoavaliação.

Considerações Finais

Com o objetivo de entender como as ferramentas da DP poderiam atuar dentro da sala de aula, como auxílio ao professor diante dos diversos desafios dentro da sala de aula, buscou-se, inicialmente, entender os fundamentos dessa filosofia, assim como explorar algumas de suas ferramentas. O estudo sobre a disciplina foi abordado por Foucault, de uma forma dura e violenta; em outra perspectiva, Montessori tenta encarar essa necessidade para o ensino de uma forma mais leve, buscando dar autonomia à criança. Por fim, - com a metodologia foco dessa pesquisa -, Jane Nelsen pensou numa abordagem amorosa e próxima da criança, almejando entender as causas por trás do comportamento das crianças e como as ações dos adultos as impactam. Nelsen (2017, p. 24) afirma que “muitos dos desafios de comportamento que frustram pais e professores poderiam ser mudados se os adultos mudassem primeiro”.

Por meio da apresentação dessas ferramentas a algumas professoras do Ensino Fundamental I, para que as colocassem em prática durante suas aulas, foi possível perceber que, nas três experiências, os benefícios se comprovaram. Os obstáculos também surgiram, como previstos pela autora Jane Nelsen (2017), que afirma que as primeiras tentativas de aplicação desse novo comportamento por parte dos adultos encontram uma certa resistência inicial do lado das crianças. É

natural que, acostumadas com ações mais agressivas e opressivas, elas tendam a se defender e, com uma nova postura, mais gentil, surja um estranhamento inicial.

Tendo em vista os benefícios e os obstáculos, as três professoras afirmaram perceber que a DP pode ser de grande ajuda para o trabalho dentro da escola e, ainda, que ter mais conhecimento e acesso a essa filosofia seria um grande ganho para elas.

A pesquisa apresenta limitações, principalmente quanto à reduzida área de amostragem onde foi testada a utilização das ferramentas da DP, sendo um bom ponto de partida para posteriores explorações, possivelmente estendendo o campo de aplicação e a instrução às professoras, no início.

Mesmo com todas esse limites, foi possível confirmar um pouco do que foi apresentado pela autora Jane Nelsen com a aplicação dos métodos, quem sabe dando mais força para pesquisas acerca do uso dessas ferramentas dentro da sala de aula.

Referências

BALUTA, Maria Cristina. **O habitus dos castigos físicos e a disciplina positiva na perspectiva de capacitadores nível-educador: construção social do direito da criança a uma educação não punitiva**. Orientador: Dirceia Moreira. 2019. 315 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2904> Acesso em: 7 abr. 2022.

FERNANDES, Camila Carneiro de Mendonça. **Disciplina Positiva: uma mudança de paradigma**. Orientador: Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias. 2019. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/21681> Acesso em: 7 abr. 2022.

FIGUEIREDO, Camila. Foucault e Montessori sobre a disciplina: perspectivas na educação. **Enciclopédia**, Pelotas, v. 7, p. 27-44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Enciclopedia/article/download/18376/11172> Acesso em: 10 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em:

https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

LEAL, Daniela; MASSIMI, Marina. ALFRED ADLER (1870-1937): Uma breve biografia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 796-814, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451856605021>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LEE, Fernanda, Foque em Solução - Ferramenta #45 da Disciplina Positiva. **YouTube**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=r44HMJd92rk&list=PL1wfFc8bwVECMGLRL25c-RxTf5eVOC5if&index=6>. Acesso em 29 ago 2022.

LEE, Fernanda, Consequências Naturais - Ferramentas da Disciplina Positiva. **YouTube**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DX9hLiuE9DA&list=PL1wfFc8bwVECMGLRL25c-RxTf5eVOC5if&index=4&t=496s>. Acesso em 29 ago 2022.

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**: O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas. 3. ed. rev. e atual. [S. l.]: Manole, 2016. 369 p. Disponível em: <https://profmariocastro.files.wordpress.com/2021/04/jane-nelsen-disciplina-positiva-versacc83o-1.pdf> Acesso em: 7 abr. 2022